

O IMPOSSÍVEL RETORNO: DEGRADAÇÃO E UTOPIA EM LUIZ RUFFATO

*RETURN IMPOSSIBLE:
DEGRADATION AND UTOPIA
IN LUIZ RUFFATO*

Gislei Martins de Souza¹
(UNESP)

RESUMO: O trabalho aborda a narrativa “Uma fábula”, que compõe o livro *Mamma, son tanto felice* (2005), de Luiz Ruffato, buscando entender a configuração patriarcal dada pelo narrador à personagem Michelleto velho. Para tanto, retoma-se a compreensão teórica (AGAMBEN, 2009; BOURDIEU, 1992; HARDMAN, 1996; LIMA, 1989; SCHWARZ, 1992) que verticaliza estudos sobre as relações de poder estabelecidas na sociedade com o advento do Capitalismo. Nota-se que o narrador tende a assimilar a voz da personagem Michelleto assumindo

¹ Doutoranda em Letras – Programa de Pós-graduação em Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita” – UNESP/Assis – Av. Dom Antonio, 2100, Parque Universitário – CEP: 19806-900 – Assis, SP. E-mail: gisleimsouza@hotmail.com

uma posição tutelar dentro da narrativa. Além disso, observa-se de que modo a violência simbólica é utilizada como mecanismo de coerção e exploração do trabalho. Em contraponto, a imagem do filho André coloca em tensão a soberania de Michelleto, tendo em vista que seu pensamento utópico choca-se com a barbárie representada pela figura paterna.

PALAVRAS-CHAVE: “Uma fábula”, barbárie, pensamento utópico.

ABSTRACT: The work examines the narrative “Uma fábula”, which composes the book *Mamma, son tanto Felice* (2005), by Luiz Ruffato, seeking to understand the patriarchal configuration given by the narrator to character Michelleto old. For this purpose, it is the theoretical understanding (AGAMBEN, 2009; BOURDIEU, 1992; HARDMAN, 1996; LIMA, 1989; SCHWARZ, 1992) which deals with studies on power relations established in society with the advent of Capitalism. Note that the narrator tends to assimilate the voice of the character Michelleto assuming a tutelary position within the narrative. Additionally, there is how the symbolic violence is used as a coercive mechanism and labor exploitation. In contrast, the image of his son André puts in voltage the sovereignty of Michelleto, having in view that his utopian thinking colliding with the barbarism represented by paternal figure.

KEYWORDS: “Uma fábula”, barbarism, utopia.

A violência, como a morte, tem a última das palavras, o silêncio.

(Paulo Sérgio Pinheiro, *Morte e Progresso*)

Propomos o estudo da narrativa “Uma fábula” presente no livro *Mamma, son tanto felice* (2005), de Luiz Ruffato, na tentativa de focalizar os mecanismos de poder configurados por meio da condição patriarcal/tutelar da personagem Michelleto velho. Torna-

se interessante observarmos o contraponto estabelecido na narrativa entre barbárie e pensamento utópico, que se projeta por meio da história de Michelleto velho em oposição à de seu filho André. Tal cena corresponde ao par atraso e advento do ideário moderno, que tensiona o patriarcalismo e instaura o desmoronamento da instituição familiar.

“Uma fábula” traz a história de uma família de imigrantes italianos, que vivia no interior de Minas Gerais por volta dos anos de 1950. Essa marcação histórica só pode ser apreendida pela menção a objetos como a bicicleta Göricke e a pomada para cabelos Brylcreem utilizados por André na adolescência. O início da narrativa é assinalado pelo nascimento de André, o filho mais novo do casal Michelleto e Chiara Bicio:

André, André pequeno, Andrezim, parto difícil, até o último respiro a ‘tia’ Maria Zocoli suava ao lembrar: dos que chegaram pelas suas mãos e vingaram, o pior, nasceu sentado, embora doessem-lhe quantos inascidos!, abortos horrendos, monstros, aleijados, anjinhos semeando o-lado-de-trás, o das bananeiras, das casas das fazendolas nos derredores de Rodeiro, quantos! (RUFFATO, 2005, p. 15).

A referência a André, no formato de gradação anticlímax, reforça a ideia de redenção trazida pelo nascimento da personagem em meio a uma série de abortos e nascimentos malsucedidos. Vida e morte atravessam o destino de André, cujo nascimento assinala o deslocamento em relação à mentalidade patriarcal de Michelleto velho. André aparece novamente em mais dois momentos dentro da narrativa e no final, em que as expectativas de transformar sua vida, com a ida para a cidade grande, Cataguases, são sempre interrompidas por algum empecilho criado por ele.

Nessa parte inicial da narrativa, notamos também que o narrador heterodiegético concentra-se em recuperar o passado de Michelleto, apresentando domínio sobre os fatos. Assim, o narrador

chega mesmo a assimilar a posição paternal de Michelleto, cujas atrocidades passam a constituir o centro a partir do qual se norteia a narrativa. Tal gesto pode ser visto quando o narrador faz distinção de gênero, na referência à Michelleta velha e Michelleto velho, partindo do lugar patriarcal assumido por Michelleto na sociedade de seu tempo. Outra estratégia do narrador que nos faz chegar a essa consideração refere-se ao fato de os progenitores da família serem mencionados por ele apenas pelo sobrenome, o que mostra como a genealogia define o lugar simbólico do sujeito na estrutura social. Quanto a esse posicionamento paternal do narrador, trazemos a seguinte passagem:

Desdobrou a família, entre machados e queimadas, arados e enxadas, no fundo do fundo de uma barroca enquistada meio caminho de Rodeiro para a Serra da Onça, por detrás, cruzando enviesado pelas Três Vendas, pouco mais ou menos coleando as águas nervosas do Rio Xopotó. (RUFFATO, 2005, p. 16).

A partir desse momento, o narrador faz diversas analepses em relação à vida pregressa de Michelleto na medida em que discorre sobre a vontade da personagem em conquistar bens materiais e, conseqüentemente, uma família. O foco tridimensional sobre o espaço e a sua delimitação geográfica sugere o lugar elevado de onde fala o narrador. Notamos ainda que a ênfase dada à distância amplia o nível de atraso em que vive a personagem Michelleto ao perseguir, incessantemente, a riqueza em curto prazo. Ele escolhe como esposa a jovem Chiara Bicio apenas com o objetivo de formar uma prole, mas sem perceber que ela era “fraca da cabeça” e nem ao menos tinha possibilidade de ter filhos varões ou de mantê-los vivos:

E, presidiário de sua obsessão, comeu sete meses de sua vida na ampla solidão do paraíso, labutando de em-antes do sol espantar a roncaria da madrugada até os dedos formigarem de sono, pois urgia o tempo; [...] Quando deu por finda a faina convulsiva, compareceu, fosse uma visão,

na Rua, socado dentro de um terno-gravata marinho mandado feitiar no Singulani, [...], caçando a eva que iria povoar aquele mundo virgem. Demorou um nada para preferir uma menina-Bicio, Chiara, recém-moça catorze anos, embora magra e intimidada, corpo forrado de sardas, e fraca da cabeça, como descobriria depois, já fora-de-hora para desfazer negócio. (RUFFATO, 2005, p. 16-17).

O destaque dado ao adjetivo “presidiário” mostra em que medida Michelleto mantinha-se obstinado ao desejo de ascensão financeira, mesmo que, para tanto, tivesse que passar por toda sorte de desgraça. Em Michelleto, o caráter rural encontra-se com o capitalista de modo a revelar as contradições ideológicas presentes no formato econômico desenvolvido no Brasil. A saber, um capitalismo que, desde os primórdios, esteve baseado na exploração do trabalho escravo. Conforme focaliza Roberto Schwarz (1992), o ideário liberal europeu foi trazido à pauta brasileira em contraste com a realidade de escravismo que mantinha a economia latifundiária de exportação no século XIX. Mesmo com a Revolução de 30, o país não conseguiu modificar as velhas práticas políticas e alcançar uma transformação radical na sua estrutura socioeconômica. Michelleto situa-se nessa encruzilhada histórica, sendo interessante sublinharmos que ele incorpora o discurso do trabalho como força para o enriquecimento.

A busca de Michelleto pela ascensão financeira aparece relacionada à continuação da prole e, conseqüentemente, à estabilidade familiar. Quanto a isso, situamos a cena composta no fragmento citado acima, na qual o narrador emprega a referência bíblica a Eva para adjetivar a procura de Michelleto por uma esposa, vista apenas como objeto de reprodução. O narrador lança mão de uma descrição bastante peculiar de Chiara que é descaracterizada pela impossibilidade de ser trocada, pois como mulher/mercadoria tinha vindo com defeito, o de ter uma cabeça “fraca”. A imagem preconceituosa da mulher feita por Michelleto está relacionada à da personagem Paulo Honório do romance *São Bernardo* (1934), de

Graciliano Ramos, que deseja uma companheira para manter sua posição social e procriar sua espécie.

A presença da razão capitalista de Michelletto ao lado de um discurso patriarcal permite-nos trazer o estudo de Giorgio Agamben (2009) a respeito dos novos mecanismos que atuam no processo de subjetivação. O teórico retoma o ponto de vista foucaultiano para esclarecer em que medida a contemporaneidade prolifera novos dispositivos de assujeitamento, como a internet, o telefone, a televisão, dentre outros. Estes, por sua vez, têm a capacidade de criar uma forma sujeito não mais real, tendo em vista que a indistinção entre subjetivação e dessubjetivação produz um sujeito espectral. Tais dispositivos aparecem ao lado dos mecanismos tradicionais de sujeição dos indivíduos nas relações de poder, a saber, a Igreja, a escola, a família, etc.

O momento histórico em que a narrativa “Uma fábula” está inserida faz-nos considerar que a personagem Michelletto está envolvida em múltiplos processos de subjetivação que correspondem à fase inicial do desenvolvimento capitalista no Brasil. Essa assertiva leva-nos a perceber que as atitudes de Michelletto fazem parte do dispositivo econômico da época que alinhava práticas rudimentares aos ideais modernos de produção capitalista. O próprio desejo de constituir um núcleo familiar, embasado na perspectiva naturalista de reprodução da espécie, denota de que modo Michelletto está submetido aos dispositivos da sociedade burguesa que têm na família a continuidade do modelo político de nacionalidade.

Conforme o argumento de Lúcia Lippi de Oliveira (1990, p. 85), “O nacional correspondia à pátria, sendo esta o prolongamento da família. A pátria, como a família, devia proteger e integrar seus membros”. Nesse sentido, vemos que a família para Michelletto constituía algo capaz de manter estáveis os bens materiais. Como dissemos anteriormente, mesmo após a Revolução de 30 a estrutura política e social não se modificou muito no Brasil, já que apenas

alternou as classes sociais que mantinham as rédeas do poder. Assim, Michelleto ainda guarda resquícios do antigo patriarcado dominante no Brasil da República Velha. A posição paternalista desta personagem pode ser observada no segundo momento em que André aparece na narrativa:

Os olhos de André iluminaram o Pai num dia assim: dois enormes braços compridos guindaram-no aos ombros do gigante, que, meio bêbado, desfilou pela praça, orgulhoso [...]. O ranço do fumo, que, exalando dos bastos bigodes ruivos debruçados por sobre a boca, impregnava os já ralos cabelos louros, os olhos azuis, a roupa de algodão ordinária, os poros, tudo mais o ácido cheiro de cachaça, zonzearam-no, sua vista emudeceu, quanto anos tinha então?, dois?, três? Quantos afagos ainda lhe faria aquele homem?, tão alto que temia fosse bater a cabeça nas nuvens, tão calado que assustava-se quando reboava sua voz, tão esquisito que ao cruzá-lo no calçamento os conhecidos, garimpando os chãos, soltavam um muxoxo, que era um cumprimentar não cumprimentando, tão sistemático que o evitavam na estrada, cujo capricho reservara ele todo para seus alqueires cercados de acha de braúna e arame farpado. (RUFFATO, 2005, p. 17-18).

A descrição feita por André sobre o pai mostra-nos que Michelleto é equiparado a um verdadeiro monstro. A imagem de Michelleto, como um gigante cuja cabeça alcançaria as nuvens, está relacionada à figura homérica do ciclope Polifemo, o gigante de um olho só, que devorou seis dos doze marinheiros de Ulisses. Com a sua incapacidade de compreender o trocadilho elaborado por Ulisses para se livrar de uma futura perseguição, Polifemo representaria a era bárbara de uma sociedade sem leis. Nas palavras de Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985), a forma de os ciclopes organizarem seu regime de sobrevivência já representaria uma sociedade patriarcal, que ainda precisaria estabelecer o regime de propriedade fixa e de hierarquia. O emprego da palavra “pai” com inicial maiúscula sugere-nos que não só André, como também o narrador mantém certo respeito pela posição patriarcal de Michelleto.

Jeanne Marie Gagnebin (2006) também nos auxilia a pensar na projeção de Michelleto construída por André ao afirmar que o conceito de cultura se caracterizaria, na passagem sobre o encontro de Ulisses e Polifemo, pela possibilidade de entrar em comunicação com o outro e de proceder a uma troca. Assim, interpretamos a imagem de Michelleto como um modo de revelar sua falta de humanidade por não conseguir se comunicar com os seus semelhantes. Até mesmo os transeuntes da rua têm certo receio em cumprimentá-lo devido ao medo gerado por sua presença. Notamos que o universo mítico está na base de construção da personagem Michelleto, cuja brutalidade encena o “retorno da natureza caótica e violenta sobre o tempo histórico dos empreendimentos civilizados da humanidade” (HARDMAN, 1998, p. 294). Contudo, esse retorno a um universo mítico não tem sua continuidade na figura masculina de André, que procura distinguir suas ações das realizadas pelo pai. É impossível que o ciclo do pai seja retomado na figura de André, já que este ambiciona uma vida repleta de sonhos longe da fazenda.

Vemos ainda na personagem Michelleto o processo de animalização do homem pelo dispositivo de poder da sociedade capitalista, que o submete a empreender suas forças de trabalho ao sistema de produção. Michelleto torna-se o resultado do discurso segundo o qual o ingresso nos meios de produção capitalista possibilitaria a ascensão financeira. Mesmo tratando-se de uma narrativa que se ambienta no interior do país, vemos como a ideia de progresso está inculcada na cultura brasileira em seus lugares mais remotos. O que pode ser observado no estudo de Andrea Saad Hossne (2007, p. 21), para quem, “Siderada pela projeção da imagem de progresso que emana de São Paulo e do Rio de Janeiro, a província, com seus remanescentes arcaicos, resquícios ruinosos de uma economia rural, alçada incompleta e precariamente à urbanização e à modernização, nutre o círculo de espoliação e exclusões”. A ganância pelo dinheiro fez de Michelleto uma pessoa indiferente com a mulher e os filhos na medida em que os via como mais uma forma para aumentar o lucro gerado pela propriedade rural:

[...] e enérgico o tanto que capaz de enfeitar os anos sem se dirigir à pessoa de sua esposa, desdenhando-a até na missa de corpo-presente, por entendê-la inapetente para gerar filhos-homens, ou, parindo-os para administrá-los vivos, pois dos cinco meninos, só dois sobrevieram no tempo. [...] Entretanto, as meninas, que não serviam para nada, essas engordava e encaminhava para os casamentos, enjeitando-as logo que regravam, receio das desgraças vindouras que toda mulher carrega escondidas na intimidade das roupas. (RUFFATO, 2005, p. 18-19).

Neste fragmento, o narrador realça a mentalidade arcaica de Michelleto na medida em que expõe a supremacia masculina dele em relação à esposa e às filhas. A perspectiva de Michelleto sobre o casamento como uma forma de reprodução da espécie estende-se ao modo como ele vê a condição feminina na sociedade de sua época. O discurso desta personagem acerca da posição da mulher na sociedade atualiza um tipo de violência simbólica, que subjuga a capacidade feminina e limita o seu campo de atuação ao espaço doméstico. Essa restrição pode ser vista na perspectiva da mulher como escrava de sua própria condição procriadora. Não obstante, as filhas eram colocadas para executar o serviço pesado na fazenda, mas sem garantir a agilidade do trabalho masculino. Assim, a contradição fica evidente no discurso de Michelleto ao observarmos que a mão-de-obra feminina torna-se útil no que diz respeito à produção de capital.

Em “Uma Fábula” a figura feminina também se encontra num plano diabólico, ainda mais se a equiparamos à imagem bíblica de Eva como a mulher primeva que profanou a lei divina ao ceder aos encantos da serpente no paraíso. Interpretamos o discurso de Michelleto sobre a mulher como um modo de ver na emancipação feminina o declínio de sua posição patriarcal. Isso porque, como explica Luiz Costa Lima (1989, p. 230), “O patriarca não era só senhor de seus escravos e de seus familiares como dos mortos e dos que legalmente eram seus intermediários na saída da vida”. Com base nessa consideração, notamos que Michelleto não apenas é

norteado pelos mecanismos de poder de seu tempo, mas também se posiciona como proprietário daquilo que está ao alcance de sua ótica, até mesmo o destino da vida. Quanto a isso, mencionamos a passagem em que uma das filhas foge de casa e morre pelas mãos do próprio Michelleto:

Tempos idos, um cometa varreu a região, nariz bem falante empombado num terno-gravata só-poeira, escandindo uma língua mais enrolada que as rugas da italianada antiga [...] O patrãozinho não tem dinheiro? Vai deixar as meninas aguadas? Ô patrãozinho! [...]

Se mete não, seu doutor, é distúrbio meu, vale a pena não, e o homem, atemorizado, dirigindo-se à moça, questionou, Você é filha dele? (RUFFATO, 2005, p. 19-20).

O esquema patriarcal é desestabilizado com a chegada do caixeiro-viajante que, conforme apresenta o narrador, possui o poder de seduzir e corromper a dignidade da instituição familiar. Renato Ortiz (1996), ao abordar a relação entre a viagem e a cultura popular, define o viajante como um intermediário que coloca em comunicação culturas distintas. Contudo, a expressão metonímica “nariz bem falante” minimiza a imagem do viajante transformando-o em um ser insignificante diante da soberania exercida por Michelleto. Aqui fica ainda mais clara a forma pela qual o narrador assimila o ponto de vista de Michelleto pelo discurso direto, de modo a posicioná-lo acima do Estado como aquele que tem o poder de decidir/controlar o destino da filha. Ademais, a precariedade do sistema repressor amplia a ideia de que aqueles que possuem grandes propriedades de terra têm o domínio sobre a lei. Nesse sentido, a personagem Michelleto pode fazer uso da violência sem nada a temer, como vemos na cena do assassinato da filha fugitiva:

Na subida da Serra da Onça, apeou, meinho do dia, amarrou o cabresto num pé-de-pau e levou a madalena amarrada para o alto do pasto, sol a pique, desatou o nó, Vai, desgraçada, vai embora, vai pra bem longe,

anda!, berrou, empurrando-a por entre touceiras de capim-gordura, ela, chorando, Pai, ele, apontando a espingarda, Vai, desgraçada, estou mandando, ela Pai, me perdoa, Pai, ele, encostando o cano no seu rosto, Vai, desgraçada, estou mandando, ela, Pai, e pôs-se a correr, desesperada, quando então a explosão de um tiro suspendeu os barulhos da tarde e os dois empregados, assustados, viram o Pai retrocedendo calmo na direção do cavalo. (RUFFATO, 2005, p. 20).

Sórdido como Michelleto é o relato feito pelo narrador a respeito do momento exato em que esta personagem assassina a própria filha. A cena de violência é construída com bastante minúcia nos detalhes, tendo em vista o realce dado no movimento das personagens em consonância com a mudança de foco produzida no espaço. O uso da adjetivação do substantivo próprio “Madalena” transforma a cena bíblica do apedrejamento da personagem homônima no drama existencial vivido pela filha de Michelleto, sempre submetida ao olhar inquiridor do pai. A indiferença de Michelleto diante da chacina da própria filha assusta até mesmo os seus subalternos, o que enfatiza a monstrosidade e frieza da condição soberana assumida pelo pai. Ao trazermos a proposição de Adorno e Horkheimer a respeito da cena de enforcamento das servas de Ulisses na epopeia homérica, que traíram a confiança dele ao se relacionarem com os pretendentes de Penélope, compreendemos o gesto homicida de Michelleto como um sintoma de barbárie. Adorno e Horkheimer (1985) afirmam que Homero não descreve a cena de violência, pois isto se constituiria como um vestígio de barbárie. Dessa forma, o relato homérico estaria em outro estágio da civilização na medida em que consegue vencer o mundo mítico pela elipse da cena bárbara. Ao trazer a descrição do assassinato da filha de Michelleto, o narrador sugere em que medida nossa sociedade vive a cada dia um constante retrocesso à barbárie outrora negada. Atroz e sádica consiste a projeção das condições em que vivia a Michelleta velha no seu cárcere de morte:

[...] as mãozinhas giraram a madeira e um bafo pustuloso impregnou para sempre suas vestes, até na hora-má aquele cheiro pântano lhe causaria engulhos, e quando as vistas costumaram com o negror do cômodo, viu, sentada sobre o colchão-de-capim, berço de percevejos, a Louca, debruçada sobre si mesma, uma estufada barriga emoldurada por braços e pernas só-ossos sobrando de uma camisola ordinária, esdrúxula bizorro, olheiras maquiando a escassa cabeleira lêndea, lençol pontilhado de pulgas esmagadas, sangue vazando para o chão irregular. (RUFFATO, 2005, p. 22).

Este consiste no terceiro momento em que aparece a personagem André que, ainda em sua infância, busca atender ao pedido de socorro feito pela Louca, mas sem ao menos saber que era na verdade sua própria mãe. Ao atentarmos aos *flashes* lançados pelo narrador sob o quarto da Louca, percebemos que a ênfase dada à degradação vivida pela Michelleto velha sugere um foco narrativo que tende à perversão. O cenário decadente parece extrapolar os limites das quatro paredes e impregnar a alma de André, cuja percepção, segundo o narrador, vai ficar marcada até à hora da morte em decorrência do efeito sinestésico produzido pelo odor exalado do cômodo.

O narrador procura moldar a imagem da Louca usando da adjetivação com o nome de animais (“esdrúxula bizorro”; “cabeleira lêndea”) como efeito narrativo que projeta um verdadeiro corpo híbrido (humano e animal). Para escapar do poder patriarcal de Michelleto, Chiara Bicio refugia-se na loucura e destrói a própria identidade como uma tentativa de apagar a memória de um tempo obsoleto de violência. Parece-nos que o enclausuramento da mulher constitui a forma encontrada por Michelleto para assegurar sua racionalidade soberana, pois a mulher já de si carregaria as marcas de Eva e Pandora, que culminariam na ameaça à ordem patriarcal imposta.

Essas considerações fazem-nos retomar a perspectiva de Jeffrey Jerome Cohen (2000), segundo a qual a ideia do monstro funciona como mecanismo de controle daquilo que possa extrapolar a normalidade. Para o autor, o monstruoso corporifica certo

momento cultural, sendo, portanto, um constructo produzido pela sociedade. Além disso, o monstro resiste ao enquadramento em determinada hierarquia, constituindo-se como elemento de resistência e oposição. A própria mulher, que ultrapassa as fronteiras do papel imputado a ela pela sociedade, acaba por tornar-se um ser monstruoso. Com base nesse estudo, notamos que o efeito monstruoso lançado pelo narrador sobre a condição de Chiara Bicio em “Uma fábula” denota a ameaça representada por ela ao aparato patriarcal de Michelleto. Isso porque Chiara Bicio não se submete ao regime hierárquico de procriação da espécie imposto pelo marido. Contudo, o castelo de Michelleto não resiste ao abandono e à solidão:

Ausentes braços-machos, o Pai levou a roça, enquanto pôde, com o adjutório feminil, embora lerdo o serviço das meninas [...] embora, vira e mexe, tresandasse uma no altar de algum varão, menos um braço para puxar enxada, mas menos uma boca, nove fora nada, sem atentar que rendia-se às formigas-cabeçudas e cupins, às voçorocas e mata-pastos, aos pulgões e aos vermes, ao desmazelo que a tudo sufoca, onde o cercadinho de milho?, a plantaçozinha de feijão, onde o curralzinho?, o chiqueirinho?, onde o pastinho pras holandesas? Depois que enterraram a Louca, o Pai, besteiro, concordando na diáspora dos sobrantes, dispersos aos quatro-cantos Michelettos e Bicios, sitiou-se na fazendola, hominizando-se entre os animais, comendo, bebendo e dormindo com eles, bicho-ele-mesmo. (RUFFATO, 2005, p. 23).

Aqui presenciamos a derrocada final de Michelleto que ficou legado à solidão e à miséria do vazio deixadas pelo abandono dos filhos. O uso do diminutivo em relação às atividades exercidas na fazenda mostra-nos que o desenvolvimento econômico de Michelleto estava baseado na exploração do trabalho feminino, mesmo sendo insignificante como ele afirma em vários momentos. A série de questões retóricas faz-nos supor de que maneira a soberania patriarcal desta personagem influenciou na degradação da instituição familiar encenada pela narrativa. Michelleto tem sua condição reduzida ao nada com o abandono da família, o que resulta no seu processo de

metamorfose em animal. A ênfase dada pelo narrador na construção desta passagem consiste na estratégia de mostrar certa distância em relação ao apagamento da personagem Michelleto. Bastante engenhoso, portanto, apresenta-se o narrador que agora insinua sua superioridade no que se refere ao atraso encenado pela decadência do poder soberano de Michelleto.

Os apontamentos feitos até o presente momento servem para reafirmar a hipótese de que “Uma fábula”, ao começar com a cena do nascimento de André e, em seguida, concentrar-se na soberania exercida pelo patriarca Michelleto, problematiza a tensão entre barbárie e pensamento utópico. O gesto narrativo empregado pelo narrador de fazer um retorno às origens de Michelleto pode ser relacionado ao conceito de contemporaneidade defendido por Agamben (2009, p. 69):

De fato, a contemporaneidade se escreve no presente assinalando-o antes de tudo como arcaico [...] Arcaico significa próximo da *arké*, isto é, da origem. Mas a origem não está situada apenas num passado cronológico: ela é contemporânea ao devir histórico e não cessa de operar neste, como o embrião continua a agir nos tecidos do organismo maduro e a criança na vida psíquica do adulto. A distância – e, ao mesmo tempo, a proximidade – que define a contemporaneidade tem o seu fundamento nessa proximidade com a origem, que em nenhum ponto pulsa com mais força do que no presente.

O contemporâneo não se resume à ideia de linearidade histórica que, dessa forma, culminaria na chegada a uma etapa final da humanidade. Agamben ressalta que a contemporaneidade está relacionada à origem na medida em que o passado sempre irrompe como algo significativo no presente. Diversas temporalidades perpassam a contemporaneidade, inscrevendo-a no devir histórico. Assim, interpretamos o retorno à origem de Michelleto como uma forma de tratar da condição do homem na sociedade contemporânea. Apesar de parecer arcaica, a figura de Michelleto é

bastante contemporânea se pensarmos que a barbárie vigora cada vez mais na sociedade atual.

Para Walter Benjamin (1994), a barbárie não constituiria apenas o avesso da civilização, mas seria o seu pressuposto na construção dos elementos culturais. Benjamin, deste modo, coloca a barbárie como algo próprio da civilização, de modo a refutar a velha dicotomia presente na definição destes conceitos. A proposta benjaminiana leva-nos a entender que a manipulação da violência na sociedade contemporânea não é apenas um indício de retorno à barbárie, mas a própria emancipação desta. Quando fazemos a relação do pensamento de Benjamin com a narrativa de “Uma fábula” fica evidente o fato de que no Brasil a expressão ideológica do capitalismo por meio da exploração do trabalho fez da violência simbólica o seu maior sintoma de barbárie. Outras configurações desta violência podem ser vistas na figura de Michelleto quando levamos em conta que o poder soberano continua sendo racionalizado na dominação praticada, de modo subterrâneo, por alguns grupos políticos na aparente democracia hodierna. Michael Löwy (1998) trata do atual estado de violência civilizada sem relacioná-lo a uma regressão da barbárie antiga. Para o autor, torna-se inviável pensar na violência atual, ao lado de suas formas antigas, após o mundo ter conhecido Auschwitz e Hiroshima:

Graças ao progresso científico e técnico, e ao *ethos* burocrático moderno, a violência mudou de caráter: a diferença com as brutalidades antigas – “bárbaras”, no sentido histórico da palavra – não é de grau, mas de natureza. Há muito pouco em comum entre o extermínio planejado, racionalmente administrado, impessoal e burocrático – tal como o encontramos nos campos de concentração ou nas cidades vítimas da bomba atômica –, e as agressões “primitivas”, pré-modernas. (LÖWY, 1998, p. 139).

Todavia, quando trazemos à cena as formas de produção econômica e tecnológica desenvolvidas no Brasil, percebemos que

os mecanismos de manutenção do poder ainda controlam o imaginário brasileiro fazendo uso de uma barbárie antiga. O que muda, portanto, é que a violência em nosso país não é exercida apenas em sua dimensão física, mas principalmente simbólica. Pierre Bourdieu (1992) define a violência simbólica como práticas e discursos elaborados pela cultura dominante que são reproduzidos pelos indivíduos na sociedade.

Tais pressupostos teóricos nos fazem refletir sobre como a figura de Michelleto é assinalada pela reprodução de uma ideia de progresso econômico baseada na violência e exploração do trabalho. Conquanto, a posição patriarcal de Michelleto dura até o momento em que não há mais a força feminina a ser explorada. Ruínas são apenas o que resta a ele. Torna-se necessário dar atenção a este passado abandonado e fantasmagórico, conforme sugere Benjamin, para que ele não se reproduza no presente. Sendo assim, André caracteriza-se como a personagem que, desde a infância, vai pôr em tensão a soberania de Michelleto:

Orgulhoso, aos catorze anos André já conduzia seu nariz às roças fronteiras, de Rodeiro, alugando a enxada em jornadas para os lados do Diamante e para os lados do Corgo do Sapo, nunca para as direções da Serra da Onça [...] mas depois, lavados pés, cara, braços e as partes, virava outro, iludido em cima da sua Göricke. (RUFFATO, 2005, p. 23).

O compasso narrativo fica mais fragmentado a partir do momento em que o narrador deixa de projetar a vida de Michelleto. Um novo ciclo se abre com André em suas atividades diárias que visam ao conhecimento das vilas próximas a Rodeiro. Vemos que a personagem não procura retornar ao lugar em que o pai morava, a Serra da Onça, como uma tentativa de apagar os rastros deixados por ele em sua memória. Como um verdadeiro animal, Michelleto é isolado da família e do mundo. O desejo de conhecer lugares “nunca dantes navegados” já indicia que André busca afastar-se desse universo obsoleto representado pelo espaço rural da Serra da Onça.

Transformação e ilusão constituem as duas faces de uma mesma moeda, que fazem de André um ser ambíguo que pretende ir para a cidade grande, mas sempre tem o desejo frustrado por algum empecilho inventado por ele mesmo: “[...] um dia encorajar, aventurar-se em Ubá, diz-que cidade grande, de amplas modernidades, espiava o ônibus resfolegante na praça, Cataguases-Ubá, janelas pintadinhas de olhos, baixava a canga, iria ainda, deixa estar” (RUFFATO, 2005, p. 24). Percebemos que o narrador agora assimila a voz de André e chega mesmo a descrever a perspectiva metonímica que esta personagem tem sobre os passageiros do ônibus. Com Marshall Berman (1986), sabemos que a modernidade trata da busca pelo novo em um ambiente de aventura, poder e transformação. Dessa maneira, o desejo de libertar-se do lugar onde vivia e reconstruir a vida em outro ambiente faria com que André alcançasse o patamar moderno.

O contraponto entre André e seu pai ficaria ainda mais visível se não fossem os obstáculos criados por ele para o seu ingresso na modernidade. Obstáculos estes que poderão ser vencidos com a chegada do Salvador: “[...] o quê que esse Salvador fez que vai precisar tanto da gente?, e o irmão, tentando não perder de vista o homem, respondeu, apressado, Ele não fez nada ainda... Vai fazer” (RUFFATO, 2005, p. 25). A narrativa de “Uma fábula” termina, por assim dizer, com um efeito lacunar, pois o leitor fica em dúvida quanto ao aparecimento de outra personagem. Pedro, o irmão de André, é quem o apresenta a Salvador. A referência bíblica torna ainda mais intrigante a narrativa. Não sabemos dizer para que veio Salvador. Podemos apenas deduzir que ele aparece na narrativa para trazer a transformação tão sonhada por André ou mesmo aniquilar de uma vez por todas a soberania de Michelleto. Salvador, um não-lugar?

O próprio título “Uma fábula”, ao fazer alusão ao gênero literário homônimo, faz-nos questionar o sentido mesmo da narrativa. Considerando que a fábula apresenta a história de animais com características humanas e cuja finalidade seria a de revelar certa moral dos fatos, podemos argumentar que o título “Uma fábula”

ironiza o universo em que transitam as personagens. Agora, não são mais animais que ganham caracteres humanos, mas o próprio homem que se animaliza em detrimento dos dispositivos de poder. Resgatar uma moral da história também é inviável, já que não haveria um ensinamento como essência narrativa.

Temos exposto, com isso, o choque entre temporalidades culturais dissonantes quando observamos a tensão estabelecida pelo pensamento utópico de André, ao procurar um lugar onde possa transformar seu modo de vida, com relação à barbárie representada na figura de Michelleto velho. “Uma fábula” faz-nos refletir sobre o modo como o homem contemporâneo apresenta uma subjetividade artificial porque atravessada pelos dispositivos de poder que controlam as ações humanas. Em Michelleto torna-se possível ver em que medida nossa sociedade está, cada vez mais, pautada pelos efeitos de uma soberania que tanto se tentou negar para fazer com que progredisse o país. Para tal empreitada, a violência é tomada como suporte na reprodução de uma estrutura social que se deseja moderna, mas cuja base está fundada em práticas obsoletas. Resta apenas esperar por um Salvador como o próprio André o faz. Uma espera paciente e quase interminável!

Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Ulisses ou o mito e esclarecimento. In: _____. *Dialética do esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é Contemporâneo?* Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad: Sérgio P. Rouanet; Prefácio: Jeanne M. Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar – a aventura da modernidade*.

São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. *A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 3. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Pedagogia dos monstros – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, Escrever, Esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

HARDMAN, Francisco Foot. Brutalidade Antiga: sobre história e ruína em Euclides da Cunha. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, v. 10, n. 26, 1996.

HOSSNE, Andrea Saad. Degradação e acumulação: considerações sobre algumas obras de Luiz Ruffato. In: HARRISON, Marguerite Itamar (org.). *Uma cidade em camadas – ensaios sobre o romance Eles eram muitos cavalos, de Luiz Ruffato*. São Paulo: Editora Horizonte, 2007.

LIMA, Luiz Costa. Versão solar do patriarcalismo: *Casa-grande & senzala*. In: _____. *A aguarrás do Tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LÖWY, Michael. Posfácio. In: _____. HARDMAN, Francisco Foot (org.). *Morte e progresso: cultura brasileira como apagamento de rastros*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990.

ORTIZ, Renato. A viagem, o popular e o outro. In: _____. *Um outro território – ensaios sobre a mundialização*. São Paulo: Olho d'Água, 1996.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Prefácio. In: _____. HARDMAN, Francisco Foot (org.). *Morte e progresso: cultura brasileira como apagamento de rastros*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

RUFFATO, Luiz. Uma fábula. In: _____. *Mamma, son tanto felice* (Inferno Provisório; 1). Rio de Janeiro: Record, 2005.

SCHWARZ, Roberto. As idéias fora do lugar. In: _____. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

Recebido em: 24/03/2016

Aprovado em: 24/07/2016